

Teoria Fundamentada: metodologia aplicada na pesquisa em educação

Edna Liz Prigol¹

Marilda Aparecida Behrens¹

¹Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba/PR – Brasil

RESUMO – Teoria Fundamentada: metodologia aplicada na pesquisa em educação. A teoria fundamentada é pouco utilizada nas pesquisas em educação e apresenta diferentes modos de interpretação, de acordo com a vertente (straussiana ou construtivista). Este artigo questiona como caracterizar os passos da Teoria Fundamentada nos Dados (TFD) e as possíveis aplicações na pesquisa em educação, limitando-se a descrever os passos para coletar e analisar os dados na pesquisa realizada com a teoria fundamentada. Para isso, utilizou-se base teórico-exploratória, por possibilitar um aprofundamento do objeto de estudo e o estabelecimento de bases para futuras pesquisas. A experiência vivida com essa metodologia permitiu fazer a comunicação de maneira refletida, que poderá ser de grande valia para os pesquisadores na área da educação.

Palavras-chave: **Educação. Metodologia. Teoria Fundamentada.**

ABSTRACT – Grounded Theory: methodology applied in education research. It is identified that the grounded theory is little used in research in the area of Education. It presents different modes of interpretation according to whether it is Straussian or constructivist. It is questioned: how to characterize the GT steps and the possible applications in education research. It was delimited to describe the steps for the collection and analysis of the data in the research carried out with the grounded theory. Theoretical exploratory basis was used because it allows a deepening in the object of study and the establishment of bases for future researches. The experience with this methodology allowed to make the communication in a reflected way that could be of great value to the researchers in the area of education.

Keywords: **Education. Methodology. Grounded theory.**

Introdução

Quando se pensa em pesquisa de abordagem qualitativa, entende-se que, por detrás dela, existe uma tessitura fundamentada em pressupostos filosóficos, mesmo que não estejam colocados de forma explícita, mas que auxiliam o pesquisador a refletir criticamente sobre o caminho que precisará seguir na busca da qualificação da pesquisa. A filosofia permite um olhar a quatro questões: ontológica, epistemológica, axiológica e metodológica, que têm implicações na prática da pesquisa, auxiliando na produção de dados e sua comunicação, mediante o *corpus* teórico utilizado.

A referência ontológica permite identificar como o mundo é percebido e leva o pesquisador a se questionar sobre a natureza da realidade do sujeito a ser pesquisado, pois esta pode ter características objetivas e/ou subjetivas, dependendo de como é vista, oportunizando um olhar sob múltiplas perspectivas.

Já a epistemologia viabiliza que o pesquisador entenda como a pesquisa estrutura suas ideias e conceitos, o que utiliza como fonte para justificar aquilo que sabe e, ainda, quais são seus limites e possibilidades de conhecimento. Para isso, torna-se necessária uma aproximação para entender a realidade social dos pesquisados e, dessa forma, diminuir distâncias, a fim de perceber como eles sabem o que sabem sobre seus conhecimentos e o que fazem na prática.

As pesquisas qualitativas viabilizam a interação com o pesquisado. Nessa relação, podem ficar explícitos ou não os valores – dimensão axiológica – pessoais durante o estudo, propiciando a aproximação com os valores morais, éticos, estéticos e espirituais do sujeito da pesquisa.

Para realizar uma pesquisa, faz-se necessário tecer caminhos para o diálogo com diferentes informações e contextos, permitindo um encaminhamento do pensamento nas ações, articulando o que pode estar disjunto, refletindo sobre o que pode estar oculto, utilizando os princípios filosóficos e metodológicos não como uma receita. Como define Morin (2005, p. 26):

[...] não se trata de obedecer a um princípio de ordem (que exclui a desordem), de clareza (que exclui o obscuro), de distinção (que exclui as aderências, participações e comunicações), de disjunção (que exclui o sujeito, a antinomia, a complexidade), isto é, a um princípio que liga a ciência à simplificação da lógica. Trata-se, pelo contrário, a partir dum princípio de complexidade, de ligar o que estava disjunto.

A definição da metodologia em uma pesquisa científica estabelece exatamente os passos e procedimentos que o pesquisador utilizará, assim como comunica o tipo de pesquisa que irá desenvolver em sua investigação.

Diante dessa proposição, este artigo tem como objetivo apresentar caminhos que podem ser percorridos quando o pesquisador define como método a ser utilizado em sua pesquisa a Teoria Fundamentada

nos Dados (TFD), originalmente conhecida como *grounded theory*, desenvolvida pelos autores clássicos Glaser e Strauss (1967). Apresenta-se uma das perspectivas mais recentes da referida teoria, a saber: os estudos de Charmaz (2009) trazendo “[...] outra perspectiva ao diálogo sobre procedimentos. Por meio dessas diferentes interpretações, a teoria fundamentada ganhou popularidade em campos como a [...] educação” (Creswell, 2014, p. 77). Assim, a abordagem investigada por Clarke (2005) e por estudos de Creswell (2014) não é objeto de investigação neste estudo.

Os dados aqui apresentados são sínteses de uma pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), realizada no grupo Paradigmas Educacionais e a Formação de Professores – PEFOP do Programa de Pós-Graduação em Educação. Este estudo justifica-se pela oportunidade de apresentar as etapas sistematizadas da metodologia usada, que pode ser empregada nas pesquisas em educação, oportunizando fundamentação teórica e prática para seu delineamento e consolidação.

O texto está organizado didaticamente em tópicos descrevendo e apresentando recursos para a construção metodológica do método e de suas características fundamentais.

Percurso Metodológico

Em virtude de seu objetivo, esta pesquisa tem caráter exploratório; representa e caracteriza analiticamente os fatos e fenômenos, por permitir ao pesquisador uma visão geral e aproximada do objeto a ser investigado. Consequentemente, favorece a formulação de problemas ou o levantamento de hipóteses de assuntos pouco investigados (Gil, 2008), como é a temática desta pesquisa, que busca produzir conhecimento para instigar reflexões e discussões sobre os passos da TFD e as possíveis aplicações na pesquisa em educação.

Referencial Metodológico: TFD de Charmaz

O pesquisador, quando inicia sua investigação, busca um caminho que possa ser trilhado de forma a estruturar as ações e os pensamentos necessários para compreender relações e conexões, assim como entender e interpretar significados e percepções dos interlocutores pesquisados.

A TFD tem duas perspectivas, sendo aqui apresentada aquela com base teórica construtivista de Charmaz (2009), de enfoque qualitativo, desenvolvida inicialmente por Glaser e Strauss (1967) e Glaser (1978) e ampliada por Corbin e Strauss (1990). Essa metodologia capta a diversidade de fatos, dados, informações, experiências da realidade, além da multidimensionalidade e a multicausalidade dos fenômenos. Além disso, preenche possíveis lacunas que podem surgir entre a teoria e a pesquisa empírica, pois propõe um conjunto de princípios e práticas/diretrizes básicas, como a codificação, a redação de memorandos

e a amostragem, orientando o pesquisador nas etapas do processo¹ de pesquisa, bem como o caminho a ser percorrido para a descoberta da teoria.

A metodologia, na perspectiva construtivista de Charmaz (2009), pressupõe a interação² entre os indivíduos e o contexto no qual estão inseridos utilizando a comunicação para mostrar as reflexões ocorridas nas interações/ações e identificando como foram desenvolvidas e ressignificadas durante o processo da pesquisa, para entender como e por que os participantes constroem significados e ações em situações específicas. Essas sequências temporais não são estáticas, “[...] porque o presente resulta do passado, mas nunca é exatamente a mesma coisa” (Charmaz, 2009, p. 24), sofre modificações locais, que podem influenciar contextos mais amplos, surgindo peculiaridades que podem representar alguma flutuação, incerteza.

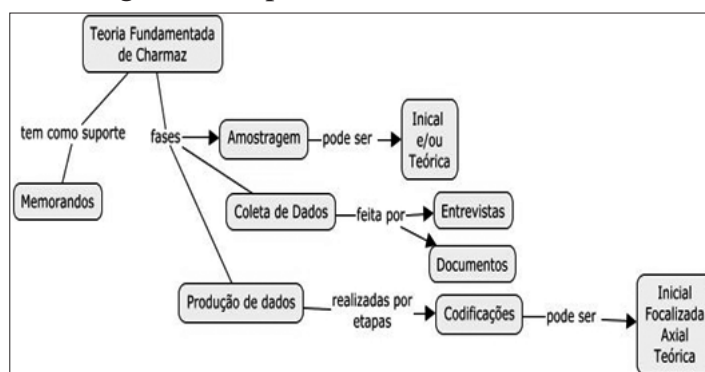
Outro princípio desse método é o trabalho simultâneo da interdependência e do encadeamento circular de todas as ações do processo de pesquisa, favorecendo o conhecimento dos dados sob um novo ângulo e a exploração de ideias sobre os dados, permitindo ao pesquisador um direcionamento analítico.

A TFD tem natureza exploratória, faz com que o pesquisador se familiarize com o problema, uma vez que trabalha diretamente com o fenômeno a ser estudado, com vistas a torná-lo mais explícito, aprimorar ideias e obter informações para uma investigação mais completa. Para isso, é necessário que o pesquisador seja receptivo às informações e aos dados, além de ter uma postura flexível.

O método é categorizado como pesquisa qualitativa, que acrescenta, como em um quebra-cabeças, novas peças, isto é, novos dados podem ser coletados de acordo com a necessidade da investigação, marcada por identificar fenômenos pela observação de situações reais do mundo, para que possam ser compreendidos no contexto em que ocorrem. Assim, coleta-se os dados a partir do ângulo dos envolvidos, resgatando a voz do pesquisado. Esse aspecto é ampliado na TFD, que possui diretrizes flexíveis, segundo as quais o pesquisador pode circular entre o foco mais amplo e o mais aproximado dos dados coletados e vice-versa, viabilizando seu refinamento.

A TFD de Charmaz (2009) é estruturada pelas etapas (Figura 1) de amostragem, coleta e produção de dados, tendo como suporte documentos produzidos pelo pesquisador durante a investigação, denominados memorandos.

Figura 1 – Etapas da Teoria Fundamentada

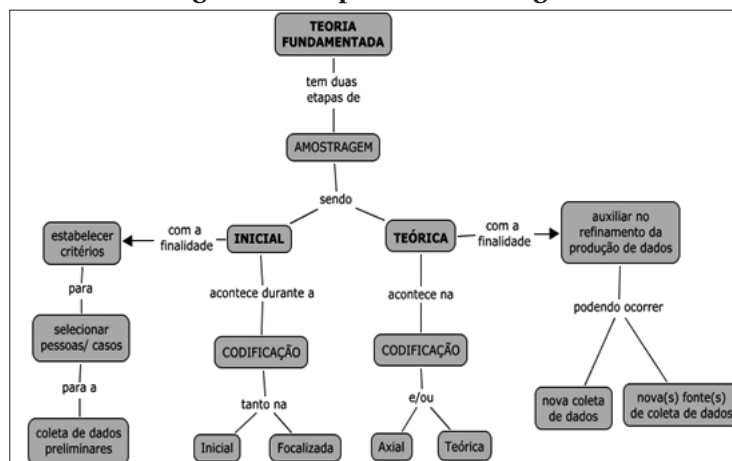


Fonte: a autora, com base em Charmaz (2009).

A Tessitura dos Passos da Pesquisa: amostragem e coleta de dados

A amostragem (Figura 2), na TFD de Charmaz (2009), tem uma lógica diferente da pesquisa tradicional, podendo ocorrer em duas etapas: a amostragem inicial e a amostragem teórica.

Figura 2 – Etapas da Amostragem



Fonte: a autora, com base em Charmaz (2009).

A amostragem inicial é considerada o ponto de partida da pesquisa, por estabelecer critérios para selecionar pessoas, casos ou situações para coletar e analisar os dados preliminares. Já a amostragem teórica orienta o pesquisador no percurso que precisará fazer para buscar o refinamento e obter dados para explicar as categorias dentro de um desenvolvimento conceitual e teórico. Tem como finalidade voltar ao

mundo empírico, para coletar novos dados para as categorias, caso estas ainda tenham pressupostos desconhecidos ou questionáveis. Neste estágio da TFD o pesquisador pode rever os participantes para a coleta de dados e, se necessário, acrescentar, reduzir ou até fazer uma nova formação de sujeitos.

A amostragem teórica é uma etapa da TFD que possibilita avançar e recuar na coleta, análise e revisão dos memorandos, para a correção de áreas problemáticas, pois tem como objetivos, segundo Charmaz (2009, p. 145), “[...] delinear as propriedades de uma categoria, verificar as intuições acerca das categorias, saturar as propriedades de uma categoria, estabelecer distinções entre as categorias emergentes, identificar a variação em um processo”.

Na TFD, cada fase é estratégica; a amostragem teórica, especificamente, impulsiona prognosticar onde e como foi conduzida a pesquisa, para encontrar dados suficientes para completar lacunas, entender como um processo se desenvolve e se modifica, esclarecendo as relações entre as categorias para a condução de sua completude. Essa lógica de análises e comparações dentro de um ir e vir necessita da utilização do raciocínio dedutivo em certos momentos e do indutivo em outros para a elaboração de pressupostos teóricos, para, então, verificá-los por meio de uma nova experiência. Esse movimento é definido como método de inferência abdução, que “[...] implica a consideração de todas as explicações teóricas possíveis para os dados, a elaboração de hipóteses para cada explicação possível, a verificação empírica destas” (Charmaz, 2009, p. 144).

A peculiaridade do método da TFD com relação à amostragem é que aquela faz com que o pesquisador tenha liberdade para definir os participantes e o tipo de ambiente para coletar dados. Na amostragem teórica, os participantes da amostragem inicial podem ser redefinidos conforme ocorre o desenvolvimento do estudo dos dados e o exame dos diversos níveis de análise realizados sucessivamente.

A partir dos objetivos definidos pelo pesquisador, é possível determinar a coleta de dados (Figura 1), considerando que “[...] os métodos etnográficos, o processo intensivo de entrevista e a análise textual fornecem as ferramentas para a coleta dos dados à medida que cruzamos esses caminhos”, conforme afirma Charmaz (2009, p. 27), não sendo necessária a aplicação das três formas de coleta de dados – essa definição fica a critério do pesquisador. Outro ponto de atenção é a relevância dos dados, pois estes precisam captar a essência das revelações dos pesquisados, mostrando minuciosamente informações, dados, ideias, conceitos, sentimentos, intenções e contextos da vida pessoal, profissional e de formação.

Os métodos e as ferramentas auxiliam a responder às questões de pesquisa, mas é preciso que o pesquisador tenha o olhar aguçado, o ouvido apurado, *insights* para que possa gerar, extrair, refinar, intensificar e produzir sentido aos dados coletados, que são constituídos por produções dos participantes e observações das análises feitas pelo pesqui-

sador. Ambos são influenciados pelo mundo, podendo, assim, afetar a visão dos fenômenos analisados, uma vez que não existe um observador puro.

A TFD instiga o pesquisador a revisar ou buscar novos métodos ou ferramentas de coleta de dados quando ocorrem dúvidas, assim como dá liberdade para definir os participantes e o tipo de ambiente para coletar dados. Para isso, devem ser considerados os pressupostos contextuais e as perspectivas disciplinares que orientarão a construção dos tópicos e dos conceitos de pesquisa, podendo estes ser redefinidos conforme ocorrem o desenvolvimento do estudo dos dados e o exame dos diversos níveis de análise realizados sucessivamente.

Os dados coletados precisam ser de qualidade e ter credibilidade; para isso, é necessário profundidade neles. Charmaz (2009, p. 37) indica ao pesquisador fazer alguns questionamentos para si próprio, com a finalidade de identificar se os dados são relevantes e suficientes:

Consegui reunir dados contextuais suficientes sobre as pessoas, os processos e os ambientes que me possibilitem a pronta recuperação desses contextos, bem como compreender e retratar a variação integral dos contextos do estudo? Consegui obter descrições detalhadas das opiniões e ações de uma variedade de participantes? Os dados revelam aquilo que existe sob a superfície? Os dados são suficientes para revelar as mudanças ao longo do tempo? Consegui reunir dados que me permitiram desenvolver categorias analíticas? Quais os tipos de comparações posso estabelecer entre os dados? Como essas comparações geram e comunicam as minhas ideias?

Além de identificar a expressividade e a quantidade dos dados, o pesquisador precisa atentar para que sua atuação durante a entrevista, antes de tudo, demonstre respeito às opiniões e ações do pesquisado, aprendendo com ele a ser fiel, enxergando na perspectiva e na sensibilidade do participante, para poder interpretar os dados coletados e identificar o que não declarou inconscientemente. Para isso, Charmaz (2009, p. 39) preconiza algumas ações:

Observar as ações e os processos, bem como as palavras. Delinear o contexto, as cenas e as circunstâncias da ação com cautela. Registrar que fez o que, quando ocorreu, por que aconteceu (se você puder determinar as razões) e como ocorreu. Identificar as condições nas quais determinadas ações, intenções e processos emergem ou não abrandados. Procurar caminhos para interpretar os dados. Concentrar-se nas palavras e expressões específicas às quais os participantes parecem atribuir um significado especial. Descobrir as suposições tidas como óbvias e ocultas de vários participantes; demonstrar a forma como são reveladas por meio da ação e como a afetam.

Os dados coletados são os materiais que vão compor a base da teoria, enquanto sua análise determina os conceitos que serão construídos durante a pesquisa. Ambos possibilitam observar no movimento dis-

cursivo a tetralógica ordem-desordem-interações-organização (Morin, 2000) das informações retiradas dos relatos dos participantes, captando retroações, recursividades, auto-organização, conceitos, atitudes, crenças e experiências.

Para a coleta de dados a TFD de Charmaz (2009), sugere-se a utilização da entrevista intensiva, compreendida como uma conversa direcionada, (Lofland; Lofland, 1984; 1995 apud Charmaz, 2009), pois, com ela, o pesquisador pode ser mais detalhista e se aprofundar, de modo a obter mais esclarecimentos em alguns tópicos essenciais. Para isso, é importante formular questões “[...] abertas e amplas, variando entre uma exploração vagamente orientada dos tópicos a questões focais semiestruturadas” (Charmaz, 2009, p. 46).

A interconexão entre a condução da entrevista e a elaboração das questões define a estabilidade entre a realização da conversa e o foco nos seus objetivos fundamentais. Para ocorrer essa afinidade, o pesquisador deve criar um espaço de interação, para que o participante se envolva plenamente na entrevista, considerando que algumas diferenças podem afetar a coleta dos dados, como raça, gênero, classe, idade e ideologias. Charmaz (2009, p. 47) sugere que o pesquisador

[...] vá além das aparências da(s) experiência(s) descrita(s). Interrompa para explorar um determinado enunciado ou tópico. Solicite mais detalhes ou explicações. Questione o participante sobre as suas ideias, sentimentos e ações. Volte a um ponto anterior. Reformule uma ideia emitida pelo participante para checar a sua precisão. Reduza ou acelere o ritmo. Altere o tópico seguinte. Valide o participante conforme seu caráter de benevolência, perspectiva ou ação. Utilize as habilidades sociais e de observação para promover a discussão. Respeite o participante e manifeste estima pela sua participação.

Na elaboração das perguntas, precisa considerar os aspectos da visão interacionista simbólica³, possibilitando que as questões atinjam um nível de aprofundamento de modo a explorar as perspectivas, as experiências e as ações dos pesquisados, para conhecer os reais significados, evitando, assim, suposições sobre aquilo que eles querem dizer – o pesquisador precisa se colocar na posição do participante para compreendê-lo na íntegra.

Outro método de coleta de dados adotado na TFD é a análise textual, considerada um modo de comunicação triangular no qual os envolvidos são o autor, o leitor e o texto dentro de um contexto. Os textos que são utilizados pelo pesquisador em uma pesquisa formam o *corpus* do processo de análise, podendo ser elaborados de forma específica, assim como materiais já existentes. Depara formar esse *corpus* é necessária uma amostragem satisfatória de textos para obter resultados válidos e representativos e alcançar o nível de saturação necessária – ou seja, quantidade de informações que não produz novas alterações nos resultados.

Os textos extraídos são aqueles produzidos pelo participante da pesquisa por meio da transcrição de questionários, entrevistas, observações, depoimentos, anotações, diários, isto é, elaborados a pedido do pesquisador, podendo alternar entre orientações detalhadas e pequenas sugestões. Essa abordagem para coleta de dados tem suas (des)vantagens, que dependem de o participante ter ou não a habilidade de se expressar por meio da escrita e, ao mesmo tempo, tranquilidade para usar esse tipo de recurso. “[...] os textos extraídos funcionam melhor quando os participantes têm interesse nos tópicos tratados, experiência nas áreas relevantes e quando veem as questões como sendo significativas” (Charmaz, 2009, p. 59).

Os textos nomeados existentes são documentos diversos que não foram produzidos pelo pesquisador, como registros, relatórios, documentos e publicações, públicos ou privados, entre outros tipos de material, que são considerados também fontes de dados suplementares. Uma boa análise textual qualitativa necessita que o pesquisador faça um processo de tradução e desconstrução por meio dos elementos analíticos, para identificar e estabelecer relações entre as partes e o todo dos dados coletados e vice-versa.

O gerenciamento da coleta dos dados, realizada pela análise de documentos, observações e/ou entrevistas/reentrevistas, permite identificar a variação no processo, auxiliando no refinamento para tornar a análise mais complexa, até alcançar a saturação dos dados. Essa saturação ou suficiência teórica é a ação de finalização da coleta de dados, quando ela não mais estimula o pesquisador a ter novas percepções de conhecimentos teóricos sobre os dados, tampouco denota novas propriedades para as categorias teóricas principais.

Relatos de Suporte da Pesquisa: os memorandos

Os pesquisadores que utilizam a TFD passam obrigatoriamente por uma etapa intermediária, denominada memorandos, que são elaborados e utilizados entre a coleta de dados e a redação dos relatos de pesquisa. São considerados anotações analíticas informais, escritas durante todo o processo de pesquisa referente aos dados coletados, da construção dos códigos até as categorias teóricas.

Não existem normas nem padrões para a elaboração dos memorandos, pois são construídos utilizando uma linguagem informal para uso pessoal, como espaço do pesquisador para anotar as percepções, explorações e descobertas de ideias referentes ao que foi visto, ouvido, percebido e codificado; é uma escrita sobre as interpretações dos dados que o pesquisador tece para si, sem a finalidade de apresentar para o público.

O registro de memorando possibilita análises que elevam o nível de abstração sobre as ideias para desenvolver os códigos, porque nele o pesquisador escreve sobre como consegue captar os pensamentos e compreender o processamento das comparações e conexões realizadas. Os memorandos são escritos com dados não lapidados; dessa forma,

conservam-se traços expressivos, significados implícitos, não declarados e condensados que auxiliam na construção de ideias parciais, preliminares e provisórias.

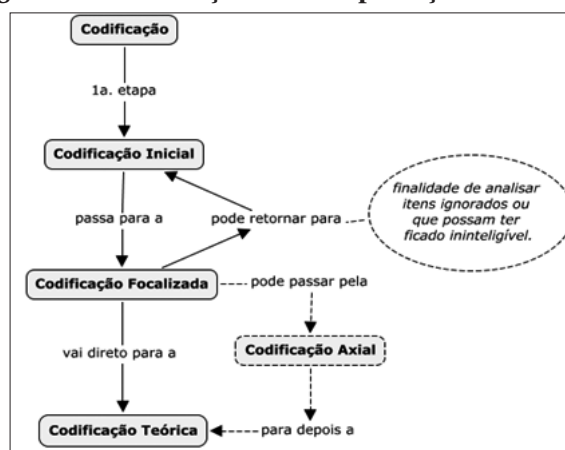
Esse tipo de registro permite o agrupamento estruturado de um amplo material textual, que auxilia a fundamentar a análise teórica e estabelecer uma base para fazer afirmações sobre ela. O pesquisador tem total controle sobre o que escreve e pesquisa, por isso, pode ter novos *insights* durante a grafia do memorando, pois é visto como “[...] um espaço e um lugar para comparar dados e dados, dados e códigos, códigos de dados e outros códigos, códigos e categorias e categorias e conceitos, assim como articular conjecturas sobre essas comparações” (Charmaz, 2009, p. 107), mostrando como foi elaborada a análise sobre os dados.

O memorando é considerado uma parte muito importante da pesquisa na TFD, pois ajuda o pesquisador, durante a elaboração, a acompanhar o desenvolvimento da coleta e da análise, em um processo analítico. Com o estudo dos registros, pode-se fazer revisões e revisitações dos dados organizados cronologicamente, para recuperar dados e identificar lacunas, falhas e incompletudes.

Um olhar para as codificações: etapas da TFD

Para Strauss e Corbin (2008), a codificação deve ser realizada em três etapas: codificações aberta, axial e seletiva. Na interpretação de Charmaz (2009), ela pode ser composta pelas fases: codificação inicial, focalizada, axial e teórica, conforme visualizado na Figura 3.

Figura 3 – Codificação na Interpretação de Charmaz



Fonte: a autora, com base em Charmaz (2009).

A codificação é entendida como uma etapa da TFD que tem como finalidade realizar o questionamento analítico dos dados coletados, os quais dão coordenadas para elaborar aqueles diretamente relacionados

com as questões analíticas definidas no início do processo. Nesta etapa, o pesquisador pode estudar e compreender os dados coletados de maneira aprofundada, entendendo também questões emocionais, atitudes, cenários, relatos, encadeamentos, como também os silêncios do participante.

Os dados coletados precisam ser selecionados, separados e classificados, surgindo, assim, os segmentos que sintetizam e representam cada parte deles. Dessa forma, são categorizados para ocorrer a etapa seguinte: a interpretação analítica sobre eles. A codificação da TFD não trabalha com códigos predefinidos; estes precisam surgir a partir da análise detalhada dos dados, pois é entendida como codificação ativa, em que o pesquisador interage incessantemente com os dados.

Ao fazer uma analogia com a construção de uma casa, a codificação seria todo o material necessário para construir a fundação e a parte estrutural da residência; se esses materiais não forem bem definidos, dentro de uma quantidade correta para o tamanho e o estilo da casa, esta poderá não ser finalizada ou poderá ficar com a construção comprometida. A codificação na pesquisa tem a mesma função: gerar todo o material necessário para definir o tipo de estrutura analítica que será realizado na pesquisa; depois, esses materiais são integrados à fundamentação teórica, para formar o corpo do trabalho. “[...] a codificação é o elo fundamental entre a coleta dos dados e o desenvolvimento de uma teoria emergente para explicar estes dados” (Charmaz, 2009, p. 70).

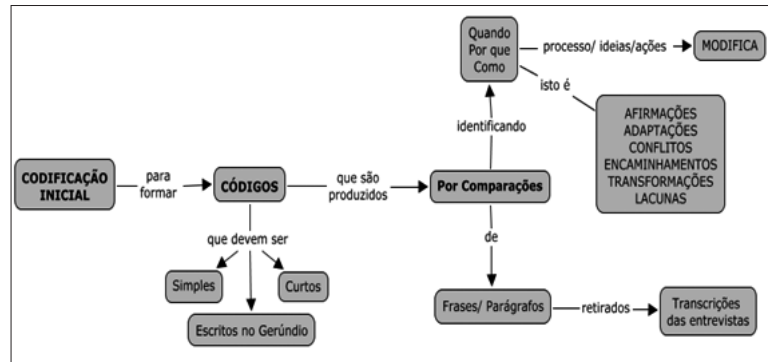
Com a codificação é possível compreender os dados sob diversas perspectivas até sua desmistificação, orientando a nova coleta de dados. Assim, passa por pelo menos duas fases principais (Charmaz, 2009, p. 72): “[...] fase inicial que envolve cada palavra, linha ou segmento de dado, seguida por uma fase focalizada e seletiva que utiliza os códigos iniciais mais significativos ou frequentes para classificar, sintetizar, integrar e organizar os dados”.

Outra ideia a ser discutida na codificação é a transformação dos dados em códigos, pois estes são influenciados pela forma, isto é, como e o que é registrado. De acordo com Charmaz (2009), a pesquisa qualitativa utiliza a entrevista detalhada e a entrevista com grupos focais e, por meio de notas ou transcrições, desenvolve os códigos. Ambos os meios podem fornecer uma visão mais ampla ou reduzida, um nível mais profundo de compreensão ou, ainda, correr o risco de construir análises superficiais.

A Codificação Inicial

A codificação inicial (Figura 4), realizada nos primeiros momentos da coleta de dados da pesquisa, refere-se a uma etapa mais ampla e genérica, pois todos os materiais coletados servem como dados, o que torna possível navegar por várias direções teóricas, enunciadas nos dados coletados.

Figura 4 – Síntese da Codificação Inicial



Fonte: a autora, com base em Charmaz (2009).

Identifica-se como fase orientadora, estágio que auxilia nas decisões e definições das principais categorias conceituais, pois é realizado o desdobramento dos primeiros dados, em busca de ideias analíticas para prosseguir com a nova coleta e a análise dos dados, sendo necessário fazer comparações entre eles para depois iniciar o processo de identificação analítica dos participantes da pesquisa.

A palavra que caracteriza a codificação inicial é a provisoriidade. Nesse período, a coleta e a análise dos dados ocorrem simultaneamente, justamente para possibilitar o aprofundamento do problema de pesquisa e a ampliação para ajustar as categorias, no que diz respeito ao grau dos códigos que capturam ou condensam os significados das ações. É necessário, assim, realizar a observação das ações em cada segmento e codificar com palavras, evitando, inicialmente, fazer transições conceituais e posicionamentos teóricos antes de realizar a análise exaustivamente.

Sobre os códigos iniciais nesta fase, é fundamental entendê-los como provisórios, pois com eles são possíveis a comparação, o surgimento de novas ideias e a identificação de lacunas. É indicado usar códigos curtos, simples e no gerúndio, porque detectam processos e fixam os dados, transmitindo uma ideia de continuidade, que está, esteve ou estará em andamento, indicando sequência e, conseqüentemente, preservando o fluxo natural da experiência.

A codificação inicial pode ser feita palavra por palavra – mais usada na pesquisa realizada com documentos. Trata-se de uma codificação em que se compara incidente com incidente de atividades visualizadas pelo pesquisador, fora do contexto e sem a interação dos participantes, auxiliando no descobrimento de padrões e contrastes. Outra maneira de construir os códigos é linha a linha, o que permite apreender as particularidades dos dados de forma mais crítica e analítica ao identificar quando, por que e como o processo se modifica, como agem os participantes, seus comportamentos, possibilitando, ainda, ter *insights* para coletar novos dados. Para tanto, é necessário fazer a “[...] dissolução dos

dados em suas partes constituintes ou em suas propriedades. Definição das ações nas quais eles se baseiam. Explicação das ações e dos significados implícitos. Comparação e identificação de lacunas nos dados” (Charmaz, 2009, p. 78).








Nesta fase, é fundamental trabalhar com métodos comparativos constantes (Glaser, 2011), pois permitem quebrar, examinar, comparar, para estabelecer distinções analíticas dentro de cada nível do processo. Fazer comparações de dados com dados tem como objetivo buscar distinções e similitudes, ajustar e identificar as relevâncias, para que o pesquisador possa se distanciar de preconceções ou suposições e ver sob nova perspectiva, percebendo como as ações das pessoas podem, ao mesmo tempo, se adaptar ou entrar em conflito.

Na pesquisa realizada, da qual foi retirada a sistematização prática da TFD, na coleta de dados foi utilizada a entrevista, após a qual foi realizada a transcrição, que se solidificou em um texto usado na codificação inicial, etapa em que é feito o desdobramento dos primeiros dados coletados para identificação de ideias analíticas. Os códigos iniciais foram estruturados a partir da leitura e da análise de todos os textos das transcrições, o que possibilitou apreender as particularidades dos dados, identificando quando, por que e como alguns processos se modificam e como os pesquisados agiram em certos momentos. A partir dessas observações, comparou-se as ideias dos pesquisados, para identificar dados comuns, relacionados às suas afirmações, adaptações, conflitos, encaminhamentos, transformações e lacunas.

É uma fase considerada provisória, por possibilitar, por meio da comparação entre os dados coletados, o surgimento de novas ideias e, consequentemente, alterações no que se refere à construção dos códigos, que têm como função capturar ou condensar os significados das ações narradas.

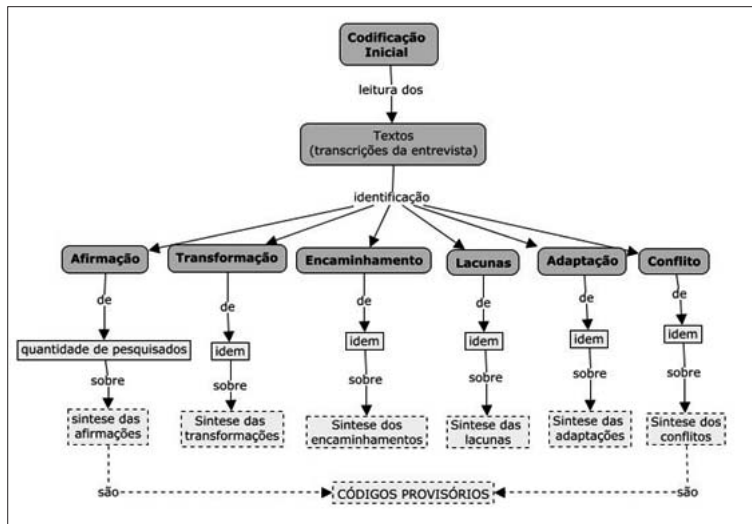
Para a construção dos códigos iniciais, é indicado primeiramente fazer a leitura dos textos das transcrições e, para cada frase ou parágrafo, tecer um comentário (Figura 5), utilizando palavras que sintetizem a informação/ideia do pesquisado. Outro recurso que pode ser usado é negritar palavras ou frases significativas ou que elucidem melhor o que o pesquisado quer afirmar. Durante a leitura do texto da entrevista, é importante elaborar o diário de bordo, para anotar as percepções referentes às informações de cada pesquisado e o encaminhamento da leitura.

Figura 5 – Exemplo de Comentário no Texto da Narrativa

<p>Pesquisado 1: Eu me formei 1991, até 2008 eu não me preocupei, nunca me imaginei dando aula, não era minha intenção dar aula, não estava dentro das minhas expectativas dar aula,mas eu fui convidado a fazer parte um teste na Universidade Federal como professor substituto lá, tive uma experiência de dois anos. Não me agradou muito a experiência lá, de docência... pelo sistema, pela maneira, pela metodologia aplicada lá, não me agradou, eu... tanto que eu não me imaginei saindo de lá continuando dentro dessa profissão. Tanto que de 2010 até 2015 eu me afastei completamente da docência. Em 2016 fiz uma seleção e entrei em uma universidade particular.</p>	<ul style="list-style-type: none">  user Ano de formação na graduação  user Tempo de atuação na profissão  user Negação: não pensava em ser professor  user 3 minutos atrás Docência: início  user Docência: não gostou  user Negação: tempo que se afastou da docência  user Docência: reinício
--	--

Fonte: a autora.

Figura 6 – Síntese dos Passos da Codificação Inicial



Fonte: a autora, com base em Charmaz (2009).

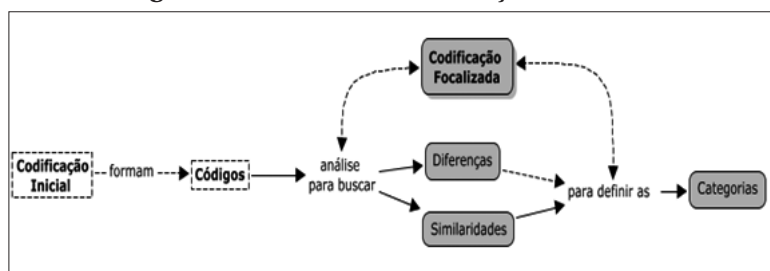
Quando se identifica, durante a leitura, que algumas informações podem estar incompletas, confusas ou truncadas, é importante conversar com o pesquisado para sua complementação. Na pesquisa realizada, por exemplo, após esta fase, foram identificadas nas narrativas dos sujeitos as aproximações (Figura 6) referentes às suas afirmações, transformações, encaminhamentos, lacunas, adaptações e conflitos relatados de seus percursos de vida pessoal, profissional e de formação, que conseqüentemente interferiram na atuação profissional. Nesse momento, surgem os primeiros códigos dos dados coletados, que depois definem as categorias, parte da etapa seguinte, denominada codificação focalizada, sendo necessário esclarecer como foi constituída e como ocorrem as relações com os dados e os códigos.

A passagem de uma codificação para outra não é totalmente linear, isto é, pode-se voltar da codificação focalizada para a linear, com a finalidade de analisar itens ignorados ou que podem ter ficado ininteligíveis.

A Codificação Focalizada

A etapa de codificação focalizada (Figura 7) pode ser entendida como um momento da pesquisa em que o pesquisador utiliza os códigos já mapeados (da codificação inicial), fazendo uma rigorosa avaliação para selecionar os códigos iniciais mais significativos e/ou frequentes, que possibilitam uma melhor compreensão analítica para categorizar os dados de forma incisiva e completa.

Figura 7 – Síntese da Codificação Focalizada



Fonte: a autora, com base em Charmaz (2009).

A comparação entre os dados permite momentos de identificação para encontrar ressonâncias em outras experiências dentro da pesquisa e auxilia o aperfeiçoamento até a formação do código focal. Os dados coletados transformados em códigos precisam ser avaliados sistematicamente. Para isso, Charmaz (2009, p. 130) indica elevá-los, para terem um tratamento que permitirá a eles uma conceituação e uma análise em forma de enunciados narrativos, que “[...] definem a categoria; explicam as propriedades; especificam as condições sob as quais a categoria surge, é mantida e se modifica; descrevem as suas consequências e demonstram como essa categoria se relaciona com as demais”.

Dos códigos, desenvolvem-se as categorias, que demonstram as ações e experiências vivenciadas pelo participante, podendo ser apresentadas em forma de esquema analítico, estabelecendo relações entre os processos implícitos e as estruturas visíveis. As categorias têm a função de explicitar pensamentos e concepções dos dados; possuem pontos, questões e organizações que podem ser encontrados em outros códigos *in vivo*, isto é, códigos representados por meio da reprodução da fala do participante ou da retratação de uma definição teórica dos dados.

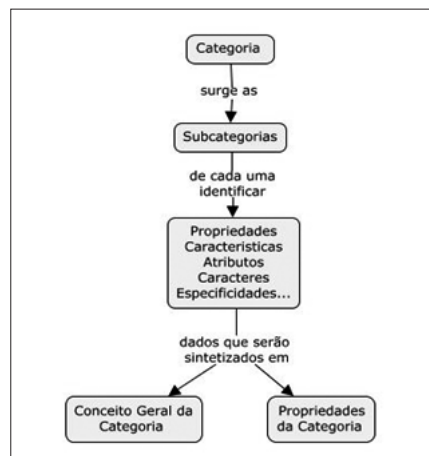
A Codificação Axial

A codificação axial é o momento de recompor dados e dar coerência à análise emergente, apontando suas dimensões e propriedades dentro de um contexto, possibilitando explicações mais precisas que respondem ao fenômeno com questões do tipo: quando, onde, por quê, quem, como e com quais consequências, para escrever a experiência estudada de um modo mais completo.

Strauss e Corbin (2008) definem-na como uma etapa da coleta e análise dos dados que tem a finalidade de classificar, sintetizar e organizar montantes de dados para reagrupá-los após a codificação aberta/inicial, relacionando as categorias às subcategorias e questionando o modo como elas estão interligadas. A codificação axial definida por Charmaz (2009) refere-se à utilização de diretrizes simples e flexíveis, desenvolvendo subcategorias de uma categoria, para demonstrar as conexões existentes entre elas.

Na pesquisa realizada, esta fase foi estruturada analisando, separando e comparando os dados dos pesquisados relacionados com as categorias, para definir as subcategorias (Figura 8), lembrando que cada subcategoria deve ser justificada apresentando dados da coleta de dados, no caso, do texto produzido a partir as entrevistas. É necessário buscar elementos que caracterizem a subcategoria, como suas propriedades, características, atributos, caracteres e especificidades, os quais ajudam a compor o conceito e as propriedades da categoria.

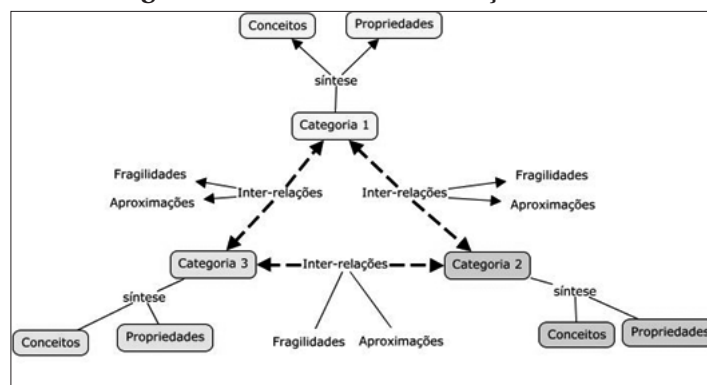
Figura 8 – Síntese da Estrutura das Subcategorias



Fonte: a autora, com base em Charmaz (2009).

A Codificação Teórica

Para Charmaz (2009), a última fase da codificação corresponde à codificação teórica, desenvolvida inicialmente por Glaser (2011), que introduziu o conceito de famílias de codificação teórica para auxiliar a conceituar a forma como os códigos substanciais podem ser relacionados uns com os outros como hipóteses a ser integradas em uma teoria. Os códigos teóricos são integrativos, ajudam a contar uma história analítica de forma coerente, especificando as relações possíveis entre as categorias desenvolvidas na codificação focalizada.

Figura 9 – Síntese da Codificação Teórica

Fonte: a autora, com base em Charmaz (2009).

A classificação instiga a comparar as categorias em um nível mais complexo, pois “[...] fornece ao pesquisador a lógica para organizar a sua análise e um caminho para a criação e o refinamento das conexões teóricas que o incentivam a estabelecer as comparações entre as categorias” (Charmaz, 2009, p. 160). Essa organização pode ser representada graficamente (Figura 9), demonstrando visualmente as categorias e suas relações. O pesquisador pode utilizar diagramas, mapas conceituais ou matrizes condicionais para mostrar como foi realizada a integração das ideias.

Esse momento é direcionado para fazer o entrelaçamento das codificações realizadas, mostrando a tessitura existente entre os fragmentos das análises. A TFD possibilita, por meio de seus passos, um caminhar cuidadoso para identificar convergências, divergências e aproximações, levando a um conhecimento que, como uma tecelagem, trabalha cada uma das partes das narrativas para compreender o todo da análise empreendida; o resultado revela que ele não é a soma das partes, nem menor que elas, mas simplesmente um todo único e singular, que, sob nova percepção, pode ter uma nova conclusão, por isso se torna provisória.

Considerações Finais

A escolha da metodologia para realizar uma pesquisa científica exige do pesquisador um processo rigoroso de análise, para identificar qual caminho deverá seguir. Nesse sentido, este artigo trouxe a experiência da TFD preconizada por Charmaz (2009).

Identificou-se, durante a investigação, que a utilização do método necessita que o pesquisador tenha conhecimento teórico dos princípios e procedimentos da TFD, uma vez que é essencial trabalhar com a rigorosidade e a flexibilidade para construir os passos da pesquisa, pois, quanto mais a construção da pesquisa for complexa, mais ambivalências e contradições poderão ocorrer.

Com o domínio da TFD, é possível adquirir uma postura para interpretar os aspectos objetivos, subjetivos e intersubjetivos da pesquisa, identificando o que está implícito nos relatos de cada pesquisado, na tentativa de alcançar um pensamento menos mutilador, respeitando “[...] as exigências de investigação e de verificação, próprias ao conhecimento científico, e as exigências de reflexão propostas ao conhecimento filosófico” (Morin, 2007, p. 102).

Para manter o rigor da pesquisa, é fundamental manter o foco no problema e nos objetivos do estudo para realizar os passos da TFD, visto que as ideias são tradução do real e comportam o risco de erro, por falsa percepção, incoerências que possam surgir de interpretações, seleção de dados significativos ou rejeição dos não significativos nas análises, mostrando os princípios ocultos que podem conduzir às escolhas sem que se tenha consciência disso. A metodologia possui passos estruturados, mas que possibilitam ao pesquisador construir seu próprio caminho, um aprendizado constante que ocorre até o fim da pesquisa.

Na produção do conhecimento, precisa ser considerada a provisoriedade que se faz entre a ordem e a desordem, movimentos que ocorrem durante a pesquisa, uma vez que uma ação, resposta ou reação pode alterar o que foi construído pelo pesquisador, pois ele pode estar suscetível ao jogo das interações, retroações e recursividades, que estão muito além do seu controle.

Pesquisar utilizando a TFD de Charmaz (2009) é entender que a realidade é constituída de processos complexos que permitem reconhecer as aproximações, as complementaridades para algumas questões antagônicas que surgem durante o percurso da construção do conhecimento dentro da pesquisa, como a certeza e a incerteza, a estabilidade e o instável, a continuidade e as descontinuidades, pois a realidade é mutável e dinâmica.

Cada experiência com a TFD será única, possibilitando um movimento crescente de interpretações e construção dos passos da metodologia; assim, destaca-se a importância do seu uso nas pesquisas em educação, para que se possa, de maneira colaborativa, ampliar o método, uma vez que o conhecimento não está pronto e acabado, mas em processo contínuo de (re)construção.

Recebido em 8 de julho de 2018
Aprovado em 3 de dezembro de 2018

Notas

- 1 Processo: constituído por sequências temporais reveladas que podem apresentar limites identificáveis, com inícios e fins claros e marcas de referência entre eles (Charmaz, 2009).
- 2 Vem da tradição filosófica do pragmatismo, que propõe o interacionismo simbólico, adotado por Strauss durante seu curso de doutorado na Universidade de Chicago (Charmaz, 2009).
- 3 De modo geral, pode-se dizer que o interacionismo simbólico constitui uma perspectiva teórica que possibilita a compreensão da forma como os indivíduos

interpretam os objetos e as outras pessoas com as quais interagem e como tal processo de interpretação conduz o comportamento individual em situações específicas (Carvalho; Borges; Rêgo, 2010).

Referências

- CARVALHO, Virgínia Donizete de; BORGES, Livia de Oliveira; REGO, Denise Pereira do. Interacionismo Simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em Psicologia Social. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 146-161, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 mar. 2018.
- CHARMAZ, Kathy. **A Construção da Teoria Fundamentada**: guia prático para análise qualitativa. Tradução: Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- CRESWELL, John. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa. Revisão técnica: Dirceu Silva. Porto Alegre: Penso, 2014.
- CLARKE, Adele. *Situational analysis: grounded theory after the postmodern turn*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GLASER, Barney. **The Grounded Theory Perspective**: conceptualization contrasted with description. Mill Valley: Sociology Press, 2011.
- GLASER, Barney. **Theoretical Sensitivity**. Mill Valley: Sociology Press, 1978.
- GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm. **The Discovery of Grounded Theory**. Nova York: Aldene de Gruyter, 1967.
- MORIN, Edgar. **Ciência Com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.
- MORIN, Edgar. **O Método 01: a natureza da Natureza**. Porto Alegre: Sulinas, 2005.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Porto Alegre (RS): Artmed, 2008.
- STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Basics of Qualitative Research**. Berlin: Sage Publications, 1990.

Edna Liz Prigol é doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e bolsista de pós-doutorado (CAPES) em Educação na mesma universidade.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7449-6622>

E-mail: prigoledna@gmail.com

Marilda Aparecida Behrens é pós-doutora pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e é professora titular na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3446-2321>

E-mail: marildaab@gmail.com

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>>.